

**Eixo Temático: Estratégia e Internacionalização de Empresas**

**A CULTURA DO GAÚCHO DA FRONTEIRA OESTE E O DESENVOLVIMENTO  
DA REGIÃO**

**THE CULTURE OF THE GAUCHO WEST FRONTIER AND THE REGION'S  
DEVELOPMENT**

Alessandro Vasconcelos de Souza, Silvana Dalmaso Tolfo, Luciane da Silva Gomes, Lucas Teixeira  
Oliveira e Eduardo Mauch Palmeira

**RESUMO**

A Região situada na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul deixou de ser uma região atrativa para novos investimentos, como para fixação de habitantes. Os governantes da região buscam soluções para a região de forma a proporcionar uma evolução dos seus indicadores. Várias são as razões para esta situação enfrentada por uma região que já foi considerada próspera e rica. O objetivo deste estudo é fazer a análise de uma das variáveis consideradas como influenciadora das dificuldades enfrentadas por essa região, a cultura do habitante local. Através de uma revisão bibliográfica buscou-se entender como ocorreu a formação da cultura da região e como este fator influencia no desenvolvimento. Após análise do contexto apresentado identificou-se uma falta de protagonismo dos habitantes da região na busca de mudar a situação local. Sugere-se novas pesquisa para encontrar formas de incentivar este protagonismo local.

**Palavras-chave:** Fronteira Oeste; Desenvolvimento Regional; Gaúcho.

**ABSTRACT**

The region located on the border of Rio Grande do Sul ceased to be an attractive region for new investments, as for fixing inhabitants. The rulers of the region are seeking solutions to the region to provide an evolution of its indicators. There are several reasons for this situation facing a region that was once considered prosperous and rich. The aim of this study is to make the analysis of the variables considered influential of the difficulties faced by the region, the local inhabitant culture. Through a literature review sought to understand how occurred the formation of the culture of the region and how this factor influences the development. After the analysis we identified a lack of protagonism of the inhabitants of the region as a way of seeking to change the local situation. It is suggested further research to find ways to encourage this local ownership.

**Keywords:** Regional Development; West Border; Gaúcho.

## 1. INTRODUÇÃO

A região da Fronteira Oeste há muito tempo deixou de ser uma região atrativa tanto para investimentos, como para fixação de habitantes. As alternativas econômicas escassearam ao longo do tempo. Empresas grandes fecharam, como por exemplo o Frigorífico Armour em Santana do Livramento, que entrou em concordata no ano de 1994. O pequeno desenvolvimento da região é notório e tornou-se uma das pautas mais discutidas nos últimos anos por governantes municipais, estaduais e também pelo Governo Federal. Algumas políticas públicas são pensadas e estão sendo adotadas, no entanto resultados relevantes não são aparentes. Os moradores da região têm por hábito criticarem essas políticas, contudo não se percebe uma participação ativa dos mesmos para a consecução dos objetivos por elas propostos.

O Rio Grande do Sul divide-se na metade norte, rica e desenvolvida, e a metade sul, pobre e subdesenvolvida. Para efeitos dessa classificação, a Fronteira Oeste encontra-se na metade sul. Notam-se muitas diferenças históricas na evolução destas regiões, tornando-se perceptíveis as diferenças sociais e culturais nelas existentes. A cooperação, o empreendedorismo e a superação de dificuldades são características comuns na metade norte do estado. Já na metade sul, onde se encontram as grandes estâncias, estas características não se desenvolveram consideravelmente, devido à formação social da região.

Para Scarlato et al a criação do Mercosul, abre para as áreas de fronteira, e em especial para o sul do Rio Grande do Sul, perspectivas novas. Para aproveitar essas oportunidades são necessárias ações planejadas. Neste estudo foi feita uma análise da formação histórica da Fronteira Oeste, situada na metade sul do estado, mostrando como suas diferenças sociais e culturais, em relação à metade norte, impactaram o planejamento e desenvolvimento da região ao longo dos anos.

## 2. RAÍZES HISTÓRICAS DA FRONTEIRA OESTE

Conforme já foi citado, no Rio Grande do Sul existem duas realidades bem distintas, a metade norte desenvolvida, e a metade sul economicamente deprimida e na busca de alternativas para se desenvolver. Na metade sul encontra-se o chamado Pampa Gaúcho ou Campanha Gaúcha que ocupa praticamente toda Fronteira Oeste e Centro do estado.

Para Arend e Cario a Campanha é definida como:

“... de antiga colonização ibérica; é onde, no Império, apareceu o trabalho escravo, principalmente nas charqueadas; durante o século XIX foi a mais importante região gaúcha, onde se desenvolveu predominantemente a criação de gado. É a zona das estâncias, de economia predominantemente pecuária onde aparecem o peão, o agregado e outras formas de parceria, todos vinculados ao latifúndio [...] Praticamente ela abrange todos os municípios gaúchos ao sul de uma linha que parte de São Borja, no oeste, indo até Camaquã, nas margens da Lagoa dos Patos.” (ARENDE; CARIO, 2010)

A Fronteira Oeste é assim chamada, pois se encontra no oeste do estado na fronteira com o Uruguai e a Argentina. Possui muitas influências dos países vizinhos, pois há uma

mistura das culturas locais. O melhor exemplo disso é a divisa entre Santana do Livramento e Rivera que se dá em meio a uma avenida. Esta região que historicamente possui características peculiares advindas da sua formação histórica. Conforme Scarlato et al:

“A ocupação do território limítrofe ao do Uruguai, e em parte ao da Argentina, está historicamente atrelada aos interesses políticos e econômicos da metrópole portuguesa em relação ao espaço platino[...] A exploração do gado, necessária para povoar as novas Estâncias do sul e para fornecer as mulas de alta procura no centro do país, representou a base produtiva que acompanhou o movimento militar expansionista...” (SCARLATO et al, 1993)

Esta formação histórica teve influência direta na formação da sociedade destes locais e na posse das terras iniciando assim a concentração que ainda podemos ver nos dias atuais, o que podemos perceber segundo este trecho:

“Inicialmente, em função do não-cercamento dos campos, o gado que se reproduzia livremente no Pampa induziu a formação de bandos armados – predadores de gado – para sua disputa. Esses bandos, organizados “afazendavam-se” na região meridional, sendo essa a origem da ocupação privada do território e basicamente a procedência das primeiras estâncias gaúchas. A Coroa Portuguesa, conhecedora dessa disputa local e motivada pela manutenção e expansão de seus territórios, estabeleceu fortes (quartéis) na região sul-rio-grandense e distribuiu títulos de propriedade aos predadores de gado, legalizando as denominadas estâncias.” (AREND; CARIO, 2010)

As grandes estâncias surgiram, consolidando uma forma de pensar que por anos norteou a região. Os interesses dos grandes estancieiros prevaleciam sobre os demais causando assim muitas disparidades. Isso afetou diretamente a região:

“A definição dos direitos de propriedade, maiormente sobre a posse da terra, afetaria a evolução secular da região no que se refere à concentração de riqueza. Entretanto, a definição dos direitos de propriedade também repercutiria sobre a natureza das relações sociais locais, revelando uma idiosincrasia específica à Campanha.” (AREND; CARIO, 2010)

Este modo de ser próprio das pessoas da região onde o individualismo prevalece teve como origem estas concentrações de terras em enormes estâncias, as quais os estancieiros comandavam, ao mesmo tempo em que exerciam grande influência na política local. Raymundo Faoro (apud Araújo; Fischer, 1998) entende que esses “líderes” sul-rio-grandenses seriam caracterizados pelo sultanismo, estilo de dominação que, segundo Max Weber, move-se com a desenvoltura da tradição”. Para Faoro, remetendo a análise aos tempos das guerras platinas de independência e das guerras de fronteira dos tempos coloniais.

Esta realidade histórica acabou originando uma região com inúmeros problemas. Uma situação bem complicada de lenta e profunda desvalorização sócio-territorial percebida através dos seguintes elementos elencados por Albuquerque:

“– desvalorização social: as elevadas taxas de miséria urbana e rural nas regiões campeiras são determinadas pelo excedente de trabalhadores em face das reduzidas necessidades locais do processo produtivo;

– desvalorização política: a perda de representatividade política dos municípios das regiões de campo sulistas, sobretudo causada pelo êxodo rural, ocorre tanto em favor de outras regiões de seus respectivos estados quanto de outras unidades federativas (a “metade sul” gaúcha viu sua participação no total da população estadual decrescer de 53,8% em 1890 para 31,13% em 2000);

– desvalorização produtiva: resultado do fechamento de indústrias que realizaram sua potencialidade histórica de valorização, do elevado grau de ociosidade do capital fixo principalmente em indústrias tradicionais, e da perda de valor relativo dos produtos comercializados, todos efeitos localizados da concorrência inter-capitalista;

– desvalorização ecológica: são inúmeros os problemas socioambientais regionais, tais como: a) o processo de avanço da arenização ou “desertificação” que transformou em solos estéreis quase um quarto da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul (Zero Hora, 02.06.1999); b) o desmatamento quase total já na primeira metade do século passado das manchas de florestas mistas de araucária nos Campos Gerais paranaense pela avidez da indústria madeireira; c) os flagelados das frequentes inundações das áreas de várzea do pampa gaúcho (produto tanto das ocupações irregulares da planície de inundação do rio Uruguai quanto do uso agrícola intensivo do solo ao longo de sua bacia hidrográfica e que provoca a erosão e o assoreamento).” (ALBUQUERQUE, 2007)

A partir destas informações percebe-se o quanto a formação histórica da região teve papel fundamental na criação da atual sociedade da Fronteira Oeste. O modo de pensar do cidadão dessa região deriva de sua cultura formada ao longo da história. Qualquer tipo de mudança proposta para a região tem que obrigatoriamente levar em consideração esta realidade.

Na Fronteira Oeste pode-se identificar desde a sua formação histórica uma privação das liberdades mais básicas. Verifica-se que a região adotou fortemente a mão de obra escrava em sua estrutura fundiária. Mesmo após a abolição da escravatura a região seguiu sendo controlada politicamente pelos grandes estancieiros, os mesmos que apoiavam a escravidão. Estes grandes proprietários de terras ditavam as regras da região, uma forma de supressão das liberdades individuais dos demais habitantes. O cidadão da fronteira oeste não tinha voz nesta sociedade. Cabia a ele acatar as decisões tomadas pelos poderosos da região.

Diante desta realidade exposta, o individualismo foi se tornando normal nas relações sociais. Existe grande dificuldade em ações que busquem integrar os produtores da região. Nota-se então uma grande dificuldade do cidadão da Fronteira Oeste em exercer as suas liberdades individuais e coletivas. De certa forma este cidadão parece acomodado numa situação que perpassa os anos.

Para Sen (2000), o papel do cidadão é tão importante como o papel do Estado como podemos verificar neste fragmento:

Sen coloca a liberdade como fim e como meio do desenvolvimento e salienta a necessidade de se reconhecer o papel das diferentes formas de liberdade no combate aos males oriundos da globalização. Salienta ainda que a condição de agente dos indivíduos, ou seja, o indivíduo em seu papel ativo de propulsor de mudanças em seu meio, é central para lidar com tais males, chamados por Sen também, de privações. Esta condição, todavia, é restrita e limitada pelas oportunidades sociais, políticas e econômicas de que dispõem as pessoas. Sen ainda propõe como caminho para se chegar ao desenvolvimento a análise integrada das atividades econômicas, sociais e políticas. O papel do Estado e da pessoa enquanto agente é igualmente necessário a este processo. (SEN apud MARTINS; GRZESZCZESZYN, 2006)

O que parece necessário então é que este cidadão tenha atitude. Faz-se necessário o entendimento do protagonismo que ele tem frente às ações de mudança na realidade da Fronteira Oeste. Políticas públicas parecem ineficientes frente à inércia dos próprios habitantes da região, que muitas vezes não passam da crítica às ações dos governos, para a prática de buscar soluções próprias criando um desenvolvimento endógeno na região.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Fronteira Oeste vem passando por enormes dificuldades sociais e econômicas ao longo das últimas décadas. Embora os governos em suas diversas esferas tenham buscado diminuir este problema, o mesmo não foi dirimido. A região, no entanto também não vem mostrando um poder de reação frente a esta estagnação econômica.

Neste estudo procurou-se mostrar a importância que a questão histórica teve nesta estagnação e efetuou-se uma análise da mesma, na qual se salientou a relação com o individualismo existente na cultura da Fronteira Oeste. Também se evidenciou a necessidade de protagonismo do cidadão da região para adotar ações que efetivamente mudem este quadro.

Contudo, este artigo não encerra a discussão, e mais que isso, instiga a novas pesquisas tanto na busca de um melhor entendimento da formação da histórica da Fronteira Oeste e do impacto que esta formação teve em sua estagnação, como na busca de soluções para a região.

### **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBUQUERQUE, E. S. Terra@Plural. **Uma introdução ao debate crítico sobre os estudos regionais: para refletir o caso das regiões campeiras do Brasil Meridional**, Ponta Grossa, v.1, n.1, p. 67-75, jan.-jul.2007.

AREND, M.; CARIO, S. A. F. Economia e Sociedade. **Desenvolvimento e desequilíbrio industrial no Rio Grande do Sul: uma análise secular evolucionária**, Campinas, v.19, n.2(39), p. 381-420, ago. 2010.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. IPEA TD 1000.  
Disponível em: <[http://getinternet.ipea.gov.br/SobreIpea/td\\_1000/desen\\_economico.htm](http://getinternet.ipea.gov.br/SobreIpea/td_1000/desen_economico.htm).>  
Acesso em: 6 de jun. de 2012.

MARTINS, C. H; GRZESZCZESZYN, G. **O papel das organizações da economia de comunhão e economia solidária para o desenvolvimento, na perspectiva de Amartya Sen**. In: SEMEAD (Seminários em Administração) FEA-USP, 9.,2006, São Paulo.

SCARLATO, F.C. et al. O novo mapa do mundo: Globalização e Espaço Latino-Americano. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.